



# Nietzsche, Féré e o tipo psicológico de Jesus em *O Anticristo*

*Nietzsche, Féré and the psychological type of Jesus in The Antichrist*

Allan Davy Santos Sena

Doutorando em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), bolsista CNPq, Campinas, SP - Brasil, e-mail: allandavy@hotmail.com

---

## Resumo

Em sua investigação sobre o tipo psicológico de Jesus em *O Anticristo*, Nietzsche irá recorrer muito mais a termos e conceitos psiquiátricos comuns à literatura médica do final do século XIX do que a dados historiográficos, exegéticos ou arqueológicos. É no estudo do fenômeno da *hiperexcitabilidade* e seu estado hereditariamente progressivo como sintoma característico da degenerescência fisiológica, encontrado por Nietzsche na obra do médico francês Charles Féré, que o filósofo buscará estabelecer o fundamento fisiológico para as suas considerações sobre o tipo psicológico de Jesus, classificado como idiota.

**Palavras-chave:** Fisiologia. Degenerescência. Hiperexcitabilidade. Idiotia.

## Abstract

In the investigation on the psychological type of Jesus in *The Antichrist*, Nietzsche will resort much more to terms and concepts common to the psychiatric literature of the late nineteenth century rather than data historiographical, archaeological or exegetical. It is in the study of the phenomenon of hyperexcitability and in its progressive hereditary condition, characteristic symptom of physiological degeneration, that Nietzsche found in the work of French physician Charles Féré, that the philosopher will seek to establish the physiological fundamentation for his considerations about the psychological type of Jesus, classified as idiot.

**Keywords:** Physiology. Degeneration. Hyperexcitability. Idiocy.

---

## Introdução

A hiperexcitabilidade entendida como sintoma que adquire um aspecto cada vez mais agravante de acordo com o aumento do grau de degenerescência na espécie é o conceito chave das investigações empreendidas pelo médico e psiquiatra francês Charles Féré, lido por Nietzsche entre 1887 e 1888<sup>1</sup>. No trabalho de Féré, Nietzsche encontrou importantes dados que corroboraram suas teorias sobre o fenômeno da *décadence*. Chama particularmente atenção de Nietzsche a noção apresentada por Féré de que é a hiperexcitabilidade que condiciona a incapacidade de resistência e de luta por parte de um indivíduo degenerado<sup>2</sup>. É precisamente tendo como

---

<sup>1</sup> Cf. o trabalho seminal de LAMPL, H. E., “Ex oblivione: das Féré-Palimpsest”. In: *Nietzsche Studien*, Band 15, Berlin: Walter de Gruyter, 1986, pp. 225-264. Outro trabalho fundamental é o de WAHRIG-SCHMIDT, Bettina, “Irgendwie, jedenfalls physiologisch. Friedrich Nietzsche, Alexandre Herzen (fils) und Charles Féré 1888”. In: *Nietzsche Studien*, Band 17, Berlin: Walter de Gruyter, 1988, pp. 434-464. Ver também: GRZELCZYK, Johan, “Féré et Nietzsche. Au sujet de la *décadence*”. In: *Association le Lisible et l’Illisible/Le philosophe*, 2005, n.º 24, pp. 188-205; disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-le-philosophe-2005-1-page-188.htm>>, último acesso 16/08/2013.

<sup>2</sup> Cf. FP 15 [37], primavera de 1888.

fundamento a noção de que o tipo de Jesus se mostra *incapaz* de opor resistência àqueles que lhe fazem mal, e à dor de modo geral, o que lhe obriga a voltar-se para a sua própria interioridade, que o filósofo irá buscar, na seção 29 de *O Anticristo*, descrever a compleição fisio-psicológica do redentor como a de um *idiota*, ou seja, como a de um sujeito detentor de uma inabilidade de desenvolvimento, de uma enfermidade que, na psiquiatria do século XIX, era classificada mediante o conceito nosográfico de *idiotia*<sup>3</sup>.

## Féré

A fisiologia é o principal instrumento mediante o qual Nietzsche lê o conjunto dos valores ocidentais como valores condicionados pelo fenômeno da *décadence*. Como o filósofo mesmo declarou, o problema da *décadence* foi aquele com o qual ele mais se ocupou<sup>4</sup>. Sabe-se que desde os anos de 1870, Nietzsche já analisa a decadência (*Verfall*) ou declínio (*Niedergang*) de uma cultura em termos biológicos, como um fenômeno ocasionado pela desintegração de um princípio orgânico central<sup>5</sup>. O termo “*décadence*”, em sua forma francesa, já aparece no fragmento póstumo 23 [140] do final de 1876 e início de 1877, no qual o filósofo observa que *Dom Quixote*, de Cervantes, pertence a “*décadence* da cultura espanhola”. Sabe-se também da importância que o termo francês adquire nos escritos de Nietzsche a partir de seu encontro com os *Essais*, de Bourget, no inverno de 1883. Não obstante, como defende Gregory Moore<sup>6</sup>, a importância de Bourget para a investigação do fenômeno da *décadence* nos últimos escritos de Nietzsche tem sido *superestimada*. Afinal, o termo “*décadence*”, preferido por Nietzsche, só volta a aparecer em seus trabalhos publicados e em seus póstumos apenas de forma esporádica (isso por volta de 1885 e 1886), até 1887, “quando, com a intensificação de sua crítica à modernidade e ao niilismo, o uso da palavra explode em seus

<sup>3</sup> Cf., por exemplo, VOISIN, Jules. *L'idiotie hérédité et dégénérescence mentale psychologie et éducation de l'idiot*, leçons professées a l'Hospice de la Salpêtrière. Paris: Félix Alcan, 1893.

<sup>4</sup> Cf. CW, Prólogo.

<sup>5</sup> Cf., por exemplo, NT 23.

<sup>6</sup> Cf. MOORE, *Nietzsche, Biology and Metaphor*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 120.

cadernos” (MOORE, 2002, p. 121). Moore procura mostrar que a palavra “*décadence*” deve seu súbito reaparecimento e rápida profusão nos últimos escritos de Nietzsche não exatamente aos *Essais*, de Bourget, mas muito mais a obra *Dégénérescence et criminalité*, de Féré. É também assim que a palavra “*dégénérescence*”, que Nietzsche traduz por “*Degenerescenz*”, sinônimo de *décadence* para Féré e seus contemporâneos, e que surge pela primeira vez nos escritos do filósofo somente na primavera de 1888, também passa a obter grande destaque<sup>7</sup>. A influência quase que exclusiva, no que se refere ao fenômeno da *décadence*, que muitos intérpretes atribuem aos *Essais*, de Bourget, nos últimos escritos de Nietzsche, deve-se frequentemente à famosa passagem do parágrafo 7 de *O caso Wagner*, na qual o filósofo descreve o que vem a ser o estilo da *décadence*, passagem essa que também pode ser encontrada quase que literalmente no capítulo sobre Baudelaire, dos *Essais*<sup>8</sup>. Contudo, as noções de hiperexcitabilidade<sup>9</sup> e sensibilidade hiperexcitada<sup>10</sup>, de sugestão mental<sup>11</sup>, de esgotamento<sup>12</sup>, e as teorias que falam de uma atração da *décadence* pelo que lhe causa dano<sup>13</sup> e da sua necessidade por estímulos fortes<sup>14</sup> (para nos limitarmos apenas aos conceitos e teorias presentes em *O caso Wagner*),

<sup>7</sup> Cf. CW 5; CW 7; CI “O problema de Sócrates” 9; CI “Moral como contra-natureza” 2; CI, “Incurções de um extemporâneo” 20; AC 32; FP 14 [74], 14 [91], 14 [113], 14 [133], 14 [209], 14 [220], 15 [36], 15 [37], 15 [99], primavera de 1888; FP 16 [40], primavera – verão de 1888; FP 22 [19], setembro – outubro de 1888.

<sup>8</sup> Cf. BOURGET, Paul. *Essais de psychologie contemporaine*. Paris : Alphonse Lemerre, 1908, p. 20.

<sup>9</sup> “Überreizbarkeit” – “*hyperexcitabilité*” em Féré. Cf. CW 5: “Überreiztheit der nervösen Maschinerie”.

<sup>10</sup> “Überreizte Sensibilität” – “*sensibilité malade*” em Féré. Cf. Ibidem. “Sensibilidade exacerbada” na tradução de Paulo César de Souza (doravante **PCS**).

<sup>11</sup> “*Suggestion*” – “*suggestion*”. Cf. Ibidem.

<sup>12</sup> “*Erschöpfung*” – “*épuisement*”. Cf. Ibidem. Diferente dos conceitos hiperexcitabilidade e sugestão, o de esgotamento não é introduzido nos escritos de Nietzsche por uma influência de Féré, pois o mesmo já aparece como conceito chave para a leitura do fenômeno da decadência muito cedo nas obras do filósofo. Cf., por exemplo, FP 1 [80], outono de 1869; várias passagens de NT, por exemplo, 22; SE 6; WB 5, 8 e 9, etc. Porém, em CI, “Os quatro grandes erros”, 2, o conceito de esgotamento vem associado com uma discussão sobre a degenerescência hereditária, o vício e o luxo, extremamente próxima dos resultados obtidos pelo trabalho de Féré, o que sugere que o conceito adquire uma importância renovada após o contato do filósofo com as obras do médico francês.

<sup>13</sup> Cf. CW 5.

<sup>14</sup> Cf. Ibidem.

não se encontram em Bourget, mas sim em Féré. Esses conceitos servem como fundamento das considerações de Féré sobre a criminalidade entendida como um problema de degenerescência fisiológica.

No fragmento póstumo 14 [119] da primavera de 1888, Nietzsche discute os efeitos sugestivos da arte, sua ação tonificante, bem como o efeito depressivo do feio; a superabundância dos meios de comunicação do estado estético e a intensificação da força de comunicação que toda elevação da vida condiciona; é assim que a identificação com outras almas não tem em sua origem nada de moral, diz ele, “mas vem de uma fisiológica excitabilidade da sugestão” [*physiologische Reizbarkeit der Suggestion*] (FP 14 [119], primavera de 1888): o chamado “altruísmo” é somente uma falsa interpretação dessa relação psicomotora [*psychomotorischer Rapport*], e, entre parênteses, Nietzsche revela sua fonte para o entendimento desse fenômeno: “*induction psychomotrice*, afirma Ch. Féré” (Idem). O aparato crítico da KSA, fixado por Colli e Montinari, nos informa, equivocadamente, que a fonte em questão se trata da obra *Dégénérescence et criminalité*<sup>15</sup>, de Charles Féré<sup>16</sup>. Foi Lampl o primeiro autor a esclarecer que, na verdade, o conceito de *induction psychomotrice* com que Nietzsche trabalha neste fragmento não surge em *Dégénérescence et criminalité*, e sim em uma obra lançada um ano antes daquela, a saber, *Sensation et mouvement*<sup>17</sup>. Quando se toma *Dégénérescence et criminalité* como fonte isolada de Nietzsche entre os escritos de Féré, torna-se difícil atribuir uma decisiva contribuição do médico francês à última fase do pensamento do filósofo, isso porque o fundamento conceitual que explica a efetivação fisiológica da degenerescência, e que constitui o próprio pressuposto dessa obra, é dado somente em *Sensation et mouvement*.

Apesar de Lampl ter esclarecido a procedência do conceito de *induction psychomotrice*, foi somente Bettina Währg-Schmidt que identificou uma série de fragmentos póstumos e passagens das obras publicadas de Nietzsche que atestam sua leitura de *Sensation et mouvement*. Diferente do que ocorre com *Dégénérescence et criminalité*, no qual o exemplar de Nietzsche, conservado em sua

<sup>15</sup> Cf. Colli und Montinari, Chronik zu Nietzsches Leben, 1988, p. 760. (KSA 14, 14[119]).

<sup>16</sup> Cf. FERÉ, Charles. *Dégénérescence et criminalité*: Essai physiologique. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

<sup>17</sup> Cf. FERÉ, Charles. *Sensation et mouvement*: études expérimentales de psycho-mécanique. Paris: Félix Alcan, 1887.

biblioteca pessoal e exibindo diversos sinais de leitura<sup>18</sup>, surge como grande comprovação de que a obra foi de fato uma de suas fontes, a obra *Sensation et mouvement*, não encontrada em sua biblioteca, só pode ser identificada como fonte de Nietzsche por meio da análise do conteúdo dos póstumos e das obras publicadas, associada com a comparação com o texto de Féré. Para Wahrig-Schmidt, os fragmentos póstumos cujos conteúdos atestam a leitura de *Sensation et mouvement* feita por Nietzsche se encontram localizados nos grupos 14 a 16 de 1888 (cadernos W II 5, primavera de 1888; W II 6, primavera de 1888; e W II 7, primavera-verão de 1888). No entanto, esta intérprete também argumenta que em *Genealogia da moral* (1887) já é possível encontrar uma parte do vocabulário fisiológico que Nietzsche introduz no grupo de fragmentos 14, como o termo “degenerativo” [*degenerierend*]<sup>19</sup>, por exemplo. Assim sendo, é possível que Nietzsche tenha tido acesso à obra *Sensation et mouvement* logo após sua data de lançamento.

A possível leitura prévia feita por Nietzsche da obra *Sensation et mouvement* talvez possa ser verificada desde o fragmento 11 [228] de novembro de 1887 a março de 1888, em que o filósofo faz uma classificação das principais espécies de pessimismo: ele lista, em primeiro lugar, “o pessimismo da *sensibilidade* (a hiperexcitabilidade [*überreizbarkeit*] com uma preponderância das sensações de desprazer)” (FP 11 [228], novembro de 1887 a março de 1888). Ora, o termo “hiperexcitabilidade”, que surge neste fragmento e em *Crepúsculo dos ídolos* (“Incursões de um extemporâneo”, 37), dará lugar a uma série de termos congêneres relacionados com o mesmo conceito ao qual ele faz referência, sobretudo “irritabilidade” [*Irritabilität*]<sup>20</sup>, mas também, “sensibilidade hiperexcitada” [*Überreizte Sensibilität*]<sup>21</sup>, “doentia

---

<sup>18</sup> Cf. CAMPIONI, Giuliano; D'Iorio, Paolo et alii. (Herausgegeben) *Nietzsches persönliche Bibliothek (BN)*. Supplementa Nietzscheana, Band 6. Walter de Gruyter: Berlin, New York: 2003. O fac-símile do exemplar pessoal de Nietzsche encontra-se disponível no site da Fundação Clássicos de Weimar: <[http://ora-web.swkk.de/digimo\\_online/digimo.entry](http://ora-web.swkk.de/digimo_online/digimo.entry)>, último acesso 16/08/2013.

<sup>19</sup> Cf. GM III, 13.

<sup>20</sup> Cf. FP 9 [165], primavera de 1887; FP 14 [86], FP 14 [163], FP 14 [170], FP 14 [209], primavera de 1888; FP 15 [37], primavera de 1888; FP 16 [75], FP 16 [77], primavera-verão de 1888; FP 17 [6], maio-junho de 1888, e a carta a Overbeck de 4 de junho de 1888. O termo “*irritabilité*” ou “*faiblesse irritable*” é marcadamente presente em *Dégénérescence et criminalité*, entretanto também aparece em *Sensation e mouvement*.

<sup>21</sup> Cf. CW 5.

excitabilidade” [*krankhafte Reizbarkeit*]<sup>22</sup>, “extrema capacidade de excitação” [*extreme Reizfähigkeit*]<sup>23</sup>, “enorme excitabilidade” [*übergrosse Reizbarkeit*]<sup>24</sup>, entre outros; nossa hipótese é que o uso que Nietzsche faz do termo “überreizbarkeit” consiste numa apropriação do termo “*hyperexcitabilité*”, utilizado por Féré para denominar um fato fisiológico característico da degenerescência, possuindo uma importância crucial para o entendimento da realidade desta.

## Sensation e mouvement

A tese fundamental que Féré defende em *Sensation et mouvement* é de que a intensidade das chamadas representações mentais (sensações, sentimentos, emoções, afetos, etc.) possui uma correlação direta com o grau de energia consumido num movimento físico (mecânico, muscular, químico, etc.). O médico francês chegou a essa conclusão com base em uma série de experiências psicomotoras descritas e analisadas por ele em *Sensation et mouvement*. De acordo com Féré:

As representações mentais não são mais do que o resultado de uma reverberação da sensação, e as modificações dinâmicas que as acompanham consistem, na realidade, em transformações de movimento consecutivas às excitações exteriores mais ou menos distantes (FÉRÉ, 1888, p. 6).

Para Féré, as representações mentais são, portanto, grosso modo, respostas psíquicas para as excitações exteriores. Nesse sentido, a intensidade das representações mentais depende do maior ou menor grau de sensibilidade ou excitabilidade de um indivíduo, por conseguinte, de sua constituição fisiológica. Quanto mais sensível às excitações exteriores for um indivíduo, mais exagerada será a sensação dessas mesmas excitações nele e mais intensa será a resposta dada a essas excitações sob a forma de representações mentais, resultando, assim, num gasto maior de energia potencial na produção do movimento solicitado por essas excitações, ou seja, na *resistência* que se faz necessária frente a essas excitações.

---

<sup>22</sup> Cf. AC 29.

<sup>23</sup> Cf. AC 30.

<sup>24</sup> Cf. AC 20.

Conforme a definição dada por Féré, a degenerescência consiste em “uma diminuição da vitalidade, que se traduz em uma atenuação geral das funções orgânicas” (FÉRÉ, 1887 p. 125). Essa diminuição da vitalidade se dá, de forma mais precisa, por um aumento da sensibilidade, por uma “*faiblesse irritable*” ou “*hyperexcitabilité*”. A irritabilidade ou excitabilidade consiste na capacidade de um indivíduo sentir as excitações externas, seja de maneira moderada ou excessiva. As excitações representam, para um organismo, estímulos que solicitam uma resposta, que nada mais é do que uma *resistência* do organismo diante de uma alteridade que o atinge. Os indivíduos fisiologicamente mais combalidos possuem como característica principal a elaboração de representações mentais particularmente intensas, que diferem, em nível proporcionalmente superior, das representações mentais de sujeitos fisiologicamente bem constituídos expostos aos mesmos estímulos. As representações mentais dos sujeitos degenerados são intensas porque sua excitabilidade é mórbida; quanto mais degenerado for um indivíduo, mais sensível, mais irritável, mais excitável ele será<sup>25</sup>. Como os estímulos solicitam resposta, os hiperexcitados, por sentirem de forma exagerada as excitações e por as representarem mentalmente de forma igualmente intensa, respondem aos estímulos de maneira sempre desproporcional, acabando, assim, por se esgotarem. Ser resistente, então, significa poder responder adequadamente às solicitações, significa, portanto, não ser vulnerável às excitações, não ser morbidamente sensível a elas<sup>26</sup>; porém, um indivíduo esgotado, devido ao desperdício de força que sua irritabilidade lhe impõe, não consegue mais opor apropriadamente uma resistência às excitações.

Féré observa que as chamadas excitações periféricas, bem como os fenômenos psíquicos que surgem como consequências das mesmas, são acompanhadas de manifestações motrizes, as quais, segundo ele, podem ser postas em evidência e mensuradas mesmo mediante procedimentos de natureza extremamente simples, como o dinamômetro. Deste modo, suas observações têm como base empírica a mensuração da força exercida por um indivíduo em um dinamômetro, relacionando-a com a excitação a que tal indivíduo se encontra submetido<sup>27</sup>.

---

<sup>25</sup> Cf. FERÉ, *Sensation et mouvement*, p. 58.

<sup>26</sup> Cf. FERÉ, *Sensation et mouvement*, p. 133.

<sup>27</sup> O dinamômetro foi inventado por Edme Régnier (1751 – 1825) por volta de 1780, encorajado pelos naturalistas Buffon e Guéneau, que desejavam um aparelho que fosse capaz de calcular



As experiências com o dinamômetro conduziram Féré a seguinte conclusão: “a maior energia do esforço momentâneo coincide com a maior atividade das funções intelectuais” (FÉRÉ, 1887, p. 7). Isto é, os sujeitos submetidos a algum tipo de exercício intelectual (fala, leitura, escrita), exibiram um aumento na pressão exercida sobre o dinamômetro em comparação com os períodos nos quais se encontravam privados de qualquer estímulo, isso porque tal exercício resultou na elaboração de representações mentais de maior intensidade. O mesmo com relação aos sujeitos cujo trabalho intelectual era mais frequente: a força que eles exerciam sobre o dinamômetro era maior do que aquela exercida por sujeitos menos habituados ao exercício intelectual. Segundo Féré, esse fato se encontra diretamente associado com a noção vulgar de que sob a influência de certos estados fisiológicos, como a cólera, ou estados patológicos, como a excitação maníaca, os esforços musculares adquirem uma energia inusitada.<sup>28</sup> Essa transformação das excitações externas em energia cinética é denominada por Féré de *induction psycho-motrice*. Por meio desse conceito chave, Féré irá demonstrar as diferenças existentes entre o grau de irritabilidade e, por conseguinte, da intensidade de representações mentais, entre os sujeitos bem constituídos e os sujeitos degenerados, sobretudo, neuropatas e histéricos<sup>29</sup>.

Outro importante conceito utilizado por Féré para explicar as relações psico-motoras é o de *sugestão mental*, que caracteriza particularmente a necessidade irresistível que conduz os indivíduos degenerados a imitarem e reproduzirem inconscientemente os movimentos que acompanham a ideia daquilo que se encontra em sua presença, sendo levados, assim, a experimentarem a mesma emoção, o mesmo pensamento que começou aquele movimento<sup>30</sup>. Em outras palavras, se a ideia de um movimento já é em si o

---

a força de um homem e compará-la com a de outros, a fim de testar as habilidades relativas de homens de diferentes idades e em vários estados de saúde. O aparelho consiste em uma mola elíptica forjada em aço e coberta por chumbo; esta mola é encimada por uma dupla escala em bronze, gravada em miriagramas (104 gramas) e em quilogramas. Uma agulha de aço com duas setas permite a medição. Cf. ABOVILLE, F. M et allii. “*Sur le dynamomètre de M. Regnier*”. In: *Journal des Mines*. Numéro 97, Vendémiaire an 13, 1804-1805, pp. 57-76. Disponível em: <<http://Annales.ensmp.fr/articles/1804-1805-1/>>, último acesso em: 16/08/2013.

<sup>28</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 51.

<sup>29</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 13.

<sup>30</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, pp. 15-16.

começo de um ato motor, uma ideia poderosa o suficiente (produzida com grande facilidade entre indivíduos degenerados) é capaz de tornar a extensão física deste movimento um ato irrefreável e imediato. Mas, para Féré, a suscetibilidade de um sujeito a esse tipo de ideia ou representação mental intensa já denuncia uma pré-disposição mórbida, ou seja, uma hiperexcitabilidade.

As experiências com o dinamômetro mostraram que uma excitação enérgica é o que pode fornecer aos neuropatas e histéricos a forma e a intensidade de esforço que pode ser verificada entre os sujeitos bem constituídos. Do mesmo modo, os resultados que comumente se obtém entre os histéricos e neuropatas podem ser reproduzidos quase que com a mesma intensidade em um sujeito bem constituído, quando, por fadiga, chega-se a um estado de fraqueza irritável que estabelece uma hiperexcitabilidade artificial análoga àquela dos sujeitos degenerados<sup>31</sup>.

São também os neuropatas e histéricos que melhor exibem os fenômenos de excitação e enfraquecimento das funções em relação à presença ou ausência de estímulos externos. Estes sujeitos demonstram normalmente uma espécie de estado letárgico ou um certo grau de anestesia que se estende ao sentido muscular, provocando uma fraqueza muscular correlativa. Tal estado é condicionado pelo desperdício excessivo de energia potencial que resulta em um esgotamento de todas as funções orgânicas. Porém, é possível despertar artificialmente sua sensibilidade (revelando um aumento sempre exagerado da força dinamométrica) por meio das mais leves excitações externas<sup>32</sup>. Por outro lado, uma excitação mais forte pode provocar uma verdadeira *descarga energética*<sup>33</sup>, uma resposta igualmente desproporcional a intensidade do estímulo, que conduz aos estados mentais patogênicos característicos dos sujeitos que Féré denomina neuróticos: convulsões epiléptiformes, alucinações, êxtase, etc.<sup>34</sup> Contudo, esses efeitos excitantes exagerados são seguidos de efeitos depressivos igualmente exagerados, que conduzem a um esgotamento geral, uma vez que essa elevação abrupta de energia ocorre à custa de todas as reservas de força. Os degenerados não conseguem, pois, conservar sua energia. Por conseguinte, ao mesmo tempo em que os sujeitos

---

<sup>31</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 20.

<sup>32</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 33.

<sup>33</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 104.

<sup>34</sup> Cf. FERE, *Dégénérescence et criminalité*, pp. 35-36.

que sofrem de uma sensibilidade mórbida são capazes de obter um aumento de sua força motora de modo constante e desproporcional, o desperdício e exaustão dessa força é também, em contrapartida, extremamente contínuo e elevado<sup>35</sup>.

Não obstante, é muito importante ressaltar que os efeitos dinâmicos do mecanismo psico-motor não estão restritos às manifestações musculares daquilo que Féré denomina vida de relação, isto é, da resposta motora que age diretamente sobre o ambiente externo (que é controlada pelo sistema nervoso periférico voluntário), mas também sobre os músculos da vida orgânica, em outras palavras, da vida vegetativa ou autônoma (controlada pelo sistema nervoso periférico autônomo simpático e parassimpático), como se pode constatar mais facilmente na atividade sanguínea<sup>36</sup>. Isso é válido tanto para o que diz respeito aos efeitos excitantes (sensações agradáveis) quanto aos efeitos depressivos (sensações dolorosas).

A influência das excitações periféricas sobre a atividade circulatória e, por consequência, nutritiva, pode, segundo Féré, ser a causa de diversos problemas ligados à modificação da circulação, nutrição, absorção de líquidos, etc<sup>37</sup>. Féré nota que há muito já se havia observado que, por exemplo, as pupilas se dilatam sob a influência da dor, sob a influência de emoções depressivas, como o terror, ou sob a influência da fadiga; elas se contraem, por outro lado, sob a influência de sensações e emoções excitantes, como a cólera<sup>38</sup>. Em *Dégénérescence et criminalité*, Féré volta a abordar essa questão declarando que se pode constatar que as excitações excessivas e, conseqüentemente, dolorosas determinam efeitos dinâmicos e circulatórios depressivos.<sup>39</sup> As emoções agradáveis, por sua vez, são geralmente acompanhadas de uma exageração da secreção salivar, do mesmo modo como se pode observar a secreção da boca durante as emoções dolorosas, etc<sup>40</sup>.

Ora, Féré nos esclarece que todas as mudanças em torno da mobilidade, da sensibilidade e da circulação (da vida vegetativa), sob a influência das

---

<sup>35</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 34.

<sup>36</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 56.

<sup>37</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>38</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 57.

<sup>39</sup> Cf. FERE, *Dégénérescence et criminalité*, p. 10.

<sup>40</sup> Cf. FERE, *Dégénérescence et criminalité*, p. 21.

excitações periféricas, estão plenamente associadas com fenômenos psíquicos particulares que já há muito tempo haviam chamado atenção dos médicos<sup>41</sup>. Os fenômenos psíquicos aos quais Féré se refere são justamente aqueles relacionados com a chamada *folie circulaire* [loucura circular]<sup>42</sup>, patologia esta que, na seção 51 de *O Anticristo*, Nietzsche descreve como um estado metodicamente alimentado pela Igreja em um solo morbidamente pré-disposto e que condiciona todo o *training* cristão de penitência e de redenção<sup>43</sup>.

Em *Dégénérescence et criminalité*, Féré define a *folie circulaire* ou *folie à double forme* como uma vesânia<sup>44</sup> constituída por períodos de exaltação e de depressão, acompanhados por problemas correlativos de nutrição<sup>45</sup>. Tal enfermidade psíquica está estreitamente relacionada, portanto, com a hiperexcitabilidade e com o esgotamento que esta acarreta, com o desregulamento do sistema nervoso simpático e parassimpático, e com os problemas nutritivos que o acompanham.

Nietzsche vai identificar, assim, a *folie circulaire* como o problema mental que caracteriza todo o chamado “mundo interior” do homem religioso (*décadent*). Para o filósofo, a penitência promovida pela Igreja não passa, na realidade, de mecanismos de intensificação dos estados de depressão, de esgotamento geral de força e, por conseguinte, de dor e de sofrimento, condicionados por uma má constituição fisio-psicológica, por uma excitabilidade mórbida. O que seria, então, a redenção prometida pela Igreja? Uma descarga de energia causada por uma excitação exagerada e por uma representação mental, por afetos, igualmente intensos, que elevam a energia potencial ao máximo, causando a cessação momentânea do desprazer, provocando, deste modo, a sensação, igualmente breve, de um aumento de força, de prazer.

Os sujeitos acometidos pela *folie circulaire*, por conta de sua constituição hiperexcitável, encontram-se frequentemente em um estado de esgotamento geral de sua energia potencial. A pouca energia que seu organismo debilitado consegue produzir pelos processos nutritivos é logo desperdiçada

---

<sup>41</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 122.

<sup>42</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, pp. 122-123.

<sup>43</sup> Cf. AC 51.

<sup>44</sup> Termo criado por Pinel e mais tarde substituído por psicose, que designa uma desordem mental ou enfraquecimento psíquico.

<sup>45</sup> Cf. FERE, *Dégénérescence et criminalité*, p. 21.

pelas excitações mais fracas. Sendo assim, tais sujeitos sentem necessidade de estímulos realmente fortes, pois somente desta maneira, pela produção de uma verdadeira descarga de energia, eles conseguem elevar sua energia potencial ao máximo e desfrutar de uma efêmera sensação de elevação de força. Essa descarga tem o poder de elevar a atividade cerebral e os processos vitais até o paroxismo, provocando, assim, estados da mais alta exaltação (que podem chegar a se manifestar sob a forma de euforia, convulsões epilêpticas, transe, êxtase, etc.), entre os quais se encontra, para Nietzsche, a chamada redenção cristã<sup>46</sup>. Entretanto, tais estados são logo seguidos pela mais profunda depressão<sup>47</sup>.

## Fisiologia da redenção

Na seção 49 de *O Anticristo*, Nietzsche realiza uma *psicologia do sacerdote* com base na guerra que este último precisa travar contra a ciência, contra a “sadia noção de causa e efeito”, a fim de garantir o seu poder, a fim de impedir que o homem, ao entender o verdadeiro funcionamento de seu organismo, possa vir a se desligar de toda autoridade clerical. A noção de “pecado”, argumenta Nietzsche, é *inventada* como instrumento capaz de ocultar do homem a verdadeira causalidade de seu sofrimento, isto é, seu debilitamento fisiológico: “Fora com os médicos! *Um salvador [Heiland] é necessário*” (AC 49). A redenção dos pecados, a penitência e a salvação, isto é, o alívio que a Igreja oferece, têm como fundamento real, fisiológico, uma descarga de energia, de afetos, dos nervos, que na verdade é condicionada pela corrupção fisiológica que a Igreja mesma promove:

– As noções de culpa e castigo, incluindo a doutrina da ‘graça’, da ‘redenção’, do ‘perdão’ – *mentiras* ao fim e ao cabo, sem nenhuma realidade psicológica, – foram inventadas para destruir o *sentido causal* do homem: são um atentado contra a noção de causa e efeito! (AC 49)

Sendo assim, em um discurso pautado na realidade, isto é, em uma interpretação fisio-psicológica, o pecado nada mais é do que doença; a culpa,

---

<sup>46</sup> Cf. AC, 51.

<sup>47</sup> Cf. FERE, *Sensation et mouvement*, p. 123, e também, *Dégénérescence et criminalité*, p. 38.

por seu turno, é simplesmente o sofrimento; já o castigo é tão somente a dor; e a redenção, finalmente, não passa do alívio dos sintomas, da “cura”.

Essa psicologia da doutrina da “culpa” e da “redenção” cristã como sendo condicionada por estados mórbidos, começa a adquirir seus contornos mais definitivos no fragmento póstumo 14 [155] da primavera de 1888. Para Nietzsche, o remorso em si já é um sintoma de retrocesso fisiológico: “Não ser capaz de lidar com uma experiência vivida, já é um sinal de *décadence*” (FP 14 [155], primavera de 1888). Essa auto-mortificação na reabertura de novas feridas não irá resultar em nenhuma “salvação/cura da alma” [„*Heil der Seele*“], mas sim numa nova doença da alma. As experiências de “cura”, de salvação que a Igreja oferece, são, na verdade, *modificações de sintomas*, são estados que nada mais representam do que outros sintomas de uma mesma enfermidade, o sinal mesmo de que essa enfermidade atingiu um grau alarmante, variações de *crises epilépticas*.

Na seção 51 de *O Anticristo*, Nietzsche defende que a experiência religiosa familiar ao homem *décadent*, seus momentos de sublime compartilham com uma força “divina”, nada mais é do que um efeito natural da fraqueza dos nervos, da neurastenia, da hiperexcitabilidade de sujeitos esgotados – uma descarga energética, uma crise, seja individual, seja coletiva; está última ocasionada pelo efeito mórbido e exagerado da sugestão mental em uma aglomeração de sujeitos degenerados: “o momento em que uma crise religiosa toma o povo é sempre marcado por epidemias nervosas [*Nerven-Epidemien*]” (AC 51). A realidade psicológica do cristão, seu “mundo interior”, seus afetos, sentimentos, emoções, imaginação e paixão, descomedidos, são sintomas de uma mente enferma. Uma realidade psicológica que tem como causa um esgotamento, associado a uma hiperexcitabilidade, a uma extrema e mórbida irritabilidade dos nervos: “o ‘mundo interior’ [*die ‘innere Welt*]’ do homem religioso assemelha-se totalmente ao mundo interior dos hiperexcitados [*Überreizten*]<sup>48</sup> e esgotados [*Erschöpften*]” (AC 51). Os estados extáticos são tidos pelo cristianismo como alvos, como momentos “sublimes”, como bem-aventurança, isto é, o agravamento de uma moléstia física e psíquica é visto como o momento em que o poder “divino” se manifesta, em que um milagre acontece: “os estados ‘supremos’, que o cristianismo ergueu sobre a humanidade como valor entre todos os valores, são formas epileptoides” (AC 51). Toda essa doutrina cristã se traduz fisiologicamente, de acordo com Nietzsche, como sintoma da *folie circulaire*, como constante alternância

<sup>48</sup> “Superexcitados” em PCS.

entre sentimentos depressivos e sentimentos exaltados, entre dor e alívio momentâneo, entre “penitência” e “redenção”, isto é, entre esgotamento, descarga de energia, alívio e agravamento do esgotamento:

Uma vez me permiti designar todo o *training* cristão de penitência e redenção [*Bus- und Erlösungs-training*]<sup>49</sup> (que hoje é estudado da melhor maneira na Inglaterra<sup>50</sup>) como uma *folie circulaire* metodicamente produzida, claro que num solo já preparado para ela, ou seja, inteiramente mórbido (AC 51).

No entanto, deve-se frisar, que essa análise da *folie circulaire* como a realidade fisiológica que está no fundamento dos métodos de redenção do cristianismo não se refere à prática de Jesus, e sim à doutrina propagada pela Igreja cristã. Não obstante, a redenção proposta pelo Nazareno também constitui um tratamento *curativo* que se dirige *aos sujeitos que possuem uma pré-disposição mórbida*, com a diferença de que tal tratamento é muito mais recomendável, muito mais benéfico, efetivo e saudável, do que o tratamento oferecido pela Igreja. Afinal, a redenção que Jesus oferece (e representa) também surge de uma mesma necessidade de cura (salvação) e, portanto, de uma mesma realidade fisiológica que a redenção cristã, a saber, a hiperexcitabilidade e o esgotamento<sup>51</sup>, com a diferença de que, no seu caso, a irritabilidade mórbida e o esgotamento parecem atingir o seu grau mais alarmante.

Ora, de acordo com Féré, os sujeitos degenerados possuem uma inclinação natural para um modo de vida ligado a um ambiente insalubre, uma mórbida atração por aquilo que lhes causa dano. As condições que determinam o nascimento de indivíduos incapazes de suportar a própria

<sup>49</sup> “Salvação” em PCS.

<sup>50</sup> A referência à Inglaterra remete muito provavelmente à obra *Inquiries into human faculty*, de Francis Galton, lida por Nietzsche desde a primavera de 1883. Nietzsche, não tão familiarizado com o idioma inglês, recorreu a diferentes expedientes, dado o seu interesse pela obra de Galton, para se aproximar de seu conteúdo. (Cf. HAASE, Marie-Luise, “Friedrich Nietzsche liest Francis Galton“. In: Nietzsche Studien, Band 18, Berlin: Walter de Gruyter, 1989, pp. 633-658). A influência das observações de Galton a respeito de como é possível, mediante certos procedimentos dietéticos, produzir as mudanças de fase características dos estados epileptóides, entre extrema devoção piedosa e extrema depravação sensual, pode ser verificada em BM §47, bem como na seção 21 de *O Anticristo*: “Ideias sombrias e excitantes acham-se em primeiro plano; os estados mais cobiçados, designados com os mais altos nomes, são epileptóides; a dieta é escolhida de modo a favorecer manifestações mórbidas e hiperexcitar os nervos [*die Nerven überreizt*]” (AC 21).

<sup>51</sup> Cf. MOORE, *Nietzsche, Biology and Metaphor*, p. 147.



sorte produzem uma outra categoria de anti-sociais, os *degenerados congênitos*, incapazes de se adaptarem a uma atividade social qualquer. Estes indivíduos estão condenados, segundo Féré, a se agruparem e conviverem em um meio vicioso e doentio, que tem o poder de acelerar sua ruína, uma vez que seu alto grau de sugestionabilidade os torna extremamente sensíveis e vulneráveis à miséria do outro, fazendo com que a degenerescência se propague e se alastre<sup>52</sup>. Os seres degenerados, por conta de sua hiperexcitabilidade, são particularmente atraídos seja pelos estímulos fortes, seja pela visão do sofrimento alheio, para Féré, essas duas fontes de atração são determinantes para a sua inevitável dissolução. Os degenerados são extremamente suscetíveis à dor mais imperceptível. Por conta de seu alto grau de sugestionabilidade, eles se veem impedidos de permanecerem indiferentes frente à miséria do outro, passando a sentir a dor do próximo como a sua própria de modo quase imediato. Como os degenerados são, de modo geral, os que mais sofrem, eles se sentem, pois, irresistivelmente atraídos um pelo outro, ou seja, obrigados a compartilharem a dor um do outro. Os degenerados são levados, assim, a se associarem, ou melhor, a se buscarem e se aglomerarem<sup>53</sup>, procriando entre si e gerando seres cada vez mais degenerados, o que vai conduzir inevitavelmente à interrupção deste processo pelo fenômeno da *infertilidade* nos sujeitos que se localizam *na escala mais baixa* da cadeia degenerativa. Como Nietzsche anota no fragmento póstumo 15 [37] da primavera de 1888, resultado da leitura do capítulo VIII, “Épuisement et criminalité”, da obra *Dégénérescence et criminalité*, de Féré:

Os desajustados [*Mißstalteten*], os degenerados e impotentes de todo gênero possuem um tipo de instinto que lhes aproxima: é desse instinto que nascem os seres *anti-sociais* (porque seus pais foram incapazes de se adaptar à sociedade); eles se buscam, os loucos [*Irren*], por exemplo; nas famílias de neuropatas [*neuropathischen*] há uma *seleção degenerativa* (Goethe, “Afinidades eletivas”) (FP de 1888 15 [37])<sup>54</sup>.

<sup>52</sup> Cf. FERÉ, *Dégénérescence et criminalité*, p. 93.

<sup>53</sup> “O movimento cristão é um movimento de degenerescência feito de todo tipo de elementos de detritos [*Abfall*] e refugos [*Ausschuss*]: ele não exprime o declínio de uma raça, ele é desde o início uma formação agregada [*Aggregat-Bildung*] de estruturas de doenças [*Krankheits-Gebilden*] que se juntam e se buscam... E, por isso, ele não é nacional, não é ligado a uma raça: ele se endereça aos deserdados de toda parte” (FP de 1888 14 [91], preparatório de AC 51).

<sup>54</sup> Sobre o romance de Goethe, Féré comenta em nota correspondente à *Dégénérescence et criminalité*, p. 93: “— *Goethe (les Affinités électives) a peut-être eu en vue cette attraction morbide en nous montrant une*



Essa lei da *seleção degenerativa hereditária progressiva*, que Féré adota seguindo o paradigma proposto por Morel<sup>55</sup>, tem como fundamento fisiológico, portanto, os fenômenos da *induction psycho-motrice* e da sugestão. A chamada neurastenia, enfermidade cujo diagnóstico e interpretação se tornou corrente a partir do século XIX<sup>56</sup>, está intimamente relacionada com o fenômeno da hiperexcitabilidade. É o sistema nervoso que sofre o primeiro abalo provocado pelo esgotamento geral. Assim sendo, a neurastenia se traduz por um estado de fraqueza dos nervos ou fraqueza da vontade que conduz à hiperexcitabilidade, resultando em uma astenia (ausência de vigor) generalizada. É sobretudo a neurastenia que é hereditariamente transmissível. As múltiplas patologias neurológicas e psíquicas que atingem os descendentes dos que sofrem de uma fraqueza nervosa, isto é, a chamada família neuropata, têm, por conseguinte, como causa principal, para Féré e seus contemporâneos, essa mesma mazela congênita. É precisamente a seleção degenerativa hereditária e progressiva que se dá entre os membros da família neuropata que explica o nascimento dos *idiotas congênitos*, os últimos rebentos dessa prole, aqueles que representam, na verdade, a própria dissolução da cadeia degenerativa hereditária, por conta justamente de sua incapacidade de obter um desenvolvimento pleno de suas faculdades cognitivas, sensitivas, instintivas e reprodutivas. Por se encontrarem no fim da cadeia degenerativa hereditária, os idiotas podem vir a apresentar, deste modo, o caso mais extremo de hiperexcitabilidade e de esgotamento fisiológico<sup>57</sup>.

---

*fille sujette à des crises de somnambulisme et à des céphalées localisées, et dotée d'une sensibilité métallique particulière, qui finit par se suicider après avoir allumé trois personnages, parmi lesquels un plus exalté meurt de son amour*".

- <sup>55</sup> Cf. MOREL, B. A. *Traité des dégénérescences* physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés malades. Paris: J. -B. Baillière, 1857.
- <sup>56</sup> Cf. BEARD, George M. *A practical treatise on nervous exhaustion (neurasthenia)*: its symptoms, nature, sequences, treatment. New York: William Eood & Company, 1880.
- <sup>57</sup> A tarefa de analisar em que medida exatamente Nietzsche adota a teoria da degenerescência hereditária ou de que forma dela ele se apropria exigiria um tratamento que extrapolaria o escopo do presente trabalho. A hipótese inicial que propomos, porém, é a de que a apropriação que o filósofo faz dessa teoria em sua interpretação do fenômeno da degenerescência nos seus últimos escritos não recai em nenhum determinismo biológico, mas se coaduna com o dinamismo de sua teoria de forças e com um uso estratégico de argumentos na tentativa de criar condições de cultivo para um tipo mais elevado de vida, em outros termos, com recursos mobilizados em sua tentativa de mostrar o grau deletério que os valores cristãos representam para a vida.

O evangelho de Jesus como consequência da hiperexcitabilidade Nietzsche apresenta a realidade fundamental de Jesus na seção 29 de *O Anticristo*, imediatamente após classificar o tipo do redentor como idiota:

Conhecemos um estado de doentia excitabilidade do sentido do tato [*krankhafter Reizbarkeit des Tastsinns*], no qual se recua, tremendo, ante qualquer contato, qualquer apreensão de um objeto sólido (AC 29)58.

Segundo o filósofo, essa doentia excitabilidade do sentido do tato faz com que todo e qualquer contato com a realidade provoque uma dor insuportável em Jesus, por isso, ele é obrigado a voltar-se para o seu interior e evitar toda forma de contato, de resistência, de conflito, a fim de evitar todo tipo de dor. Ora, o fenômeno da hiperexcitabilidade é a realidade fisiológica fundamental da degenerescência. A partir de Morel, a degenerescência passa a ser entendida como um fenômeno hereditário e progressivo. Deste modo, em Féré, quanto mais baixo o sujeito se encontrar na cadeia degenerativa, mais exagerada será sua hiperexcitabilidade (caso ele ainda tenha podido desenvolver suas capacidades sensitivas, no que se refere ao idiota) e, por conseguinte, seu esgotamento, sua incapacidade de responder às solicitações externas. E, para Féré (bem como para os seus contemporâneos): “No ponto mais baixo da escala degenerativa, encontra-se o idiota” (FÉRE, *Dégénérescence et criminalité*, p. 86, grifo nosso). O idiota como último rebento dessa cadeia poderia, então, apresentar o grau mais extremo da hiperexcitabilidade; sua sensibilidade, seu “sentido do tato” seria afetado, por conseguinte, da maneira mais exagerada pelas excitações externas, o que resultaria em uma dor excruciante, insuportável.

Assim sendo, a noção de hiperexcitabilidade é o que permite identificar quais seriam as chaves para a compreensão do evangelho, ou seja, da realidade vivida por Jesus. Tais chaves possibilitam a reconstrução da autêntica mensagem de Jesus, a compreensão do verdadeiro significado de sua vida e de sua morte. Nietzsche identifica essas duas chaves interpretativas em duas máximas que conteriam em si o real fundamento de toda a boa nova anunciada por Jesus, são elas: “não resistais ao homem mau”<sup>59</sup> e “o reino de Deus está no meio de vós” (que Nietzsche irá traduzir por “o

58 PCS traduz “*Tastsinns*” unicamente por “tato”.

59 Mateus, 5, 39.

reino de Deus está *em* vós”)<sup>60</sup>. A realidade evangélica vivenciada por Jesus é, portanto, resultado de um instinto básico de conservação, que faz com que essa forma degenerada de vida não mais resista e se volte para o seu interior, encontrando aí o seu reino de Deus, como um estado do coração. Sua boa nova é o anúncio, que se dá por meio de sua prática de vida, bem como por meio de sua morte, de que essa experiência beatífica, de que o seu reino de Deus está ao alcance de todos, de que todos podem vir a se tornar, como ele, filhos de Deus, mediante a prática da não resistência, do amor sem subtração por tudo e por todos.

É devido a uma *incapacidade* de opor resistência, de lutar, própria dos sujeitos degenerados segundo Féré, mas que aqui parece atingir seu paroxismo, que, para Nietzsche, Jesus não poderia vir a ser herói como o quer Renan. Todo tipo de resistência a um obstáculo, e, por conseguinte, a um estímulo, a uma excitação, traria como consequência para o idiota Jesus uma dor lancinante: primeiro, por conta de sua hiperexcitabilidade, que torna toda sensação intensa demais, e, depois, por conta de seu esgotamento, de sua reserva mínima de força, insuficiente para responder à altura, que traz como consequência uma profunda sensação de impotência, de infelicidade, de desprazer, de dor. Por *instinto*, Jesus intuiu, portanto, que sua felicidade residia em aceitar sua própria condição, convertendo o *não poder* resistir em “não querer” mais resistir, seja em ato, seja no coração, vendo na entrega, na desistência “voluntária”, a sua única possibilidade de encontrar o prazer, a felicidade, a bem aventurança, a paz da alma. O reino de Deus encontrado por Jesus não é uma promessa, muito menos obra de um gênio como o quer Renan<sup>61</sup>, mas sim um estado do coração, visto que tal tipo só pode lograr alcançar um estado de beatitude em sua própria intimidade, porque é *incapaz* de resistir: sua vontade de poder alquebrada não poderia se efetivar por meio do combate, da luta, da resistência, pela busca de domínio, de superação, mas somente por meio do *amor*.

---

<sup>60</sup> Lucas, 16, 21.

<sup>61</sup> Sobre a crítica de Nietzsche à representação de Jesus como “herói” e “gênio” feita por Renan, cf. CHAVES, Ernani; SENA, Allan Davy Santos. Nem herói, nem gênio: Nietzsche, Renan e a figura de Jesus. In: *Revista de Filosofia Aurora*, Curitiba, v. 20, n. 27, jul./dez. 2008, p. 321-336. Cf. RENAN, Ernest. *Vie de Jésus*. Paris: Calman Lévy, 1867.

## Referências

ABOVILLE, F. M et alii. **Sur le dynamomètre de M. Regnier**. In: *Journal des Mines*. Numéro 97, Vendémiaire an 13, 1804-1805, pp. 57-76. Disponível em: <<http://Annales.ensmp.fr/articles/1804-1805-1/>>, último acesso em: 16/08/2013.

BEARD, George M. **A practical treatise on nervous exhaustion (neurasthenia): its symptoms, nature, sequences, treatment**. New York: William Eood & Company, 1880.

BOURGET, Paul. **Essais de psychologie contemporaine**. Paris: Alphonse Lemerre, 1908.

CAMPIONI, Giuliano; D'ORIO, Paolo et alii. (Herausgegeben) **Nietzsches persönliche Bibliothek (BN)**. Supplementa Nietzscheana, Band 6. Walter de Gruyter: Berlin, New York: 2003.

FÉRÉ, Charles. **Sensation et mouvement: études expérimentales de psychomécanique**. Paris: Félix Alcan, 1887.

FÉRÉ, Charles. **Dégénérescence et criminalité: Essai physiologique**. (BN) Paris: Félix Alcan, 1888.

GALTON, Francis. **Inquiries into human faculty and its development**. (BN) London: Macmillan and Co., 1883.

GRZELCZYK, Johan. **Féré et Nietzsche. Au sujet de la décadence**. In : Association le Lisible et l'Ilisible/Le philosopheiro. 2005, n.º 24, pp. 188-205. Disponível em: <<http://www.cairn.info/revue-le-philosopheiro-2005-1-page-188.htm>>, último acesso em: 16/08/2013.

HAASE, Marie-Luise. „**Friedrich Nietzsche liest Francis Galton**“. In: *Nietzsche-Studien*, Band 18, Berlin : Walter de Gruyter, 1989, pp. 633-658.

LAMPL, H. E.. **Ex oblivione: das Féré-Palimpsest**. In: *Nietzsche-Studien*, Band 15, Berlin : Walter de Gruyter, 1986, pp. 225-264.

MOORE, Gregory. **Nietzsche, Biology and Metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

MOREL, B. A.. **Traité des dégénérescences physiques, intellectuelles et morales de l'espèce humaine et des causes qui produisent ces variétés maladives.** Paris: J. -B. Baillière, 1857.

NIETZSCHE, Friedrich. **Kritische Studienausgabe.** Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, Band 6, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sämtliche Briefe Kritische Studienausgabe.** Herausgegeben von Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Berlin/München/New York: Walter de Gruyter/DTV, Band 8, 1988.

NIETZSCHE, Friedrich. **O nascimento da tragédia: ou Helenismo e Pessimismo.** Tradução, notas e posfácio J. Guisburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. **O caso Wagner: um problema para músicos / Nietzsche contra Wagner: dossiê de um psicólogo.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Anticristo: maldição ao cristianismo / Ditirambos de Dionísio.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. **Ecce homo: como alguém se torna o que é.** Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

RENAN, Ernest. **Vie de Jésus.** Paris: Calman Lévy, 1867.

VOISIN, Jules. **L'idiotie hérédité et dégénérescence mentale psychologie et éducation de l'idiote, leçons professées a l'Hospice de la Salpêtrière.** Paris, Félix Alcan, 1893.

WAHRIG-SCHMIDT, Bettina. **Irgendwie, jedenfalls physiologisch.** Friedrich Nietzsche, Alexandre Herzen (fils) und Charles Féré 1888". In: *Nietzsche-Studien*, Band 17, Berlin: Walter de Gruyter, 1988, pp. 434-464.

Recebido: 01/12/2012

*Received:* 12/01/2012

Aprovado: 04/02/2013

*Approved:* 02/04/2013